

## DELACROIX CONTRA NIETZSCHE:

### PINTURAS DA DÉCADENCE?

ALEXANDRE LETTNIN<sup>1</sup>;  
LUIS EDUARDO RUBIRA<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [lettnin@yahoo.com.br](mailto:lettnin@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [luisrubira.filosofia@gmail.com](mailto:luisrubira.filosofia@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

A temática da pintura é o eixo central deste trabalho ao pretender lhe conferir um lugar de entendimento no pensamento de Friedrich Nietzsche, propondo o envolvimento entre Pintura e Filosofia como chave interpretativa. Nas palavras do filósofo, “o pintor solicita que o espectador não olhe de maneira demasiado aguda e precisa, ele o obriga a recuar certa distância para olhar; ele tem de pressupor um afastamento bem determinado do observador em relação ao quadro; (...) Portanto, quem quiser idealizar sua vida não deve querer vê-la com demasiada precisão, deve sempre remeter o olhar para certa distância.” (HH/MAM, §279, 1968). Observador distanciado que sabia analisar um objeto por diferentes perspectivas estava atento aos movimentos culturais de sua época: “Nietzsche, na verdade, mantém uma coerência lógica em seu pensamento no trato dos temas que o ocupam em 1888. Sobretudo com a virada decisiva para a tarefa fundamental de sua filosofia, que é plenamente reconhecida em *Ecce homo*: a transvaloração de todos os valores” (RUBIRA, 2013). O autor de Zaratustra escrevendo seus textos como um poeta traz a luz o conceito de *décadence* nos derradeiros anos de sua obra filosófica ao se debruçar sobre a produção dos artistas franceses do Romantismo tardio: “...aquela espécie altaneira mas arrebatadora de artistas como Delacroix, como Berlioz, com um *fond* de enfermidade, de incurabilidade no ser, puros fanáticos da expressão, virtuosos de cima a baixo... Quem foi o primeiro adepto inteligente de Wagner? Charles Baudelaire, o mesmo que primeiro compreendeu Delacroix, aquele típico *décadent*, no qual uma inteira geração de artistas se reconheceu – também o último talvez... (NIETZSCHE, 2011). Tal citação nos instiga a indagar de que maneiras a obra pictural e os escritos de Eugène Delacroix nos forneceria perspectivas de entendimento do conceito Nietzscheano.

## 2. METODOLOGIA

O principal eixo de orientação da pintura para pensar a filosofia nietzschiana consiste no sentido histórico: de igual modo que o filósofo o exige uma leitura distanciada de seus textos, o pintor conta com o olhar do espectador logo, ambos solicitam uma visão espacial. Estamos utilizando nesta pesquisa o método do

estruturalismo genético que procura analisar totalidades estruturadas, observando qual é a dialética entre o todo e as partes, entendendo que é impossível compreender a totalidade sem a articulação das suas partes, sem perceber o lugar que elas ocupam nas relações que constituem a estrutura total. “A categoria da totalidade significa que qualquer fenômeno cultural, tem que ser visto como parte de uma totalidade mais ampla, e que essa totalidade tem de ser vista como uma estrutura” (LÖWY, 1986). Em outras palavras, essa totalidade não é um conjunto homogêneo, mas algo estruturado em uma relação que se estabelece entre as partes e o todo: existe um tipo de articulação entre as várias partes dessa totalidade e esse conjunto, que constitui a estrutura total.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O *Décadentisme* é considerado um dos primeiros movimentos de vanguarda artística e literária surgido na França por volta de 1880 - tendo ao poeta Baudelaire como ícone - que se opunha ao significado primeiro da palavra *décadence*, “datado do século XVII e que designava, segundo o *Trésor de la langue française*, um “estado daquilo que começa a declinar” ou “caminho em direção ao declínio, à ruína” (PETRY, 2015). Pela palavra *décadence*, portanto, pretendia se evidenciar o desejo de ruptura com a tradição e com toda e qualquer perspectiva histórica. O pesquisador italiano Mazino Montinari nos esclarece que para Nietzsche, “a decadência não é apenas um fenômeno literário, mas se estende a todos os aspectos da vida moderna: filosofia como decadência, religião como decadência, moralidade como decadência, literatura e arte como decadência, política como decadência” (2014) – são tantas rubricas que a partir de certo momento se deparam caracterizando seus escritos sobre a “Vontade de Poder” que no início de 1886 se encontravam sob o título de pessimismo, perda de sentido da vida, niilismo. No final, Nietzsche substitui “pessimismo” e “niilismo” pelo termo, que ele sempre expressou em francês, de *décadence*.

É uma pena que Baudelaire não tenha tido a oportunidade de ler os diários escritos durante quarenta anos, deixados por Delacroix, afirma Roger Kimbal, posto que “o poeta fora um dos primeiros, mais articulados e mais firmes entusiastas do pintor” (1998). E embora tivesse sabedoria para apreciar a natureza complexa da arte contemporânea que realizava Delacroix, Baudelaire provavelmente fez mais do que ninguém para solidificar a imagem de Delacroix como uma espécie de ícone romântico. Já em 1845 ele havia concluído que Delacroix era “decididamente o pintor mais original dos tempos antigos ou modernos”. A técnica pictórica de Delacroix, com a sua cor vibrante e a maneira como ele (assim como Rubens e Géricault) exagerava certas proporções para causar efeito, era parte do que atraiu Baudelaire. Mas o que realmente cativou o poeta foi a conjugação de tons emocionais exóticos e até então incomunicáveis: “um ópio divino para corações mortais”. Para Baudelaire, Delacroix era principalmente uma “*flor do mal*”, um ousado “farol” espiritual livre de convenções morais ou artísticas desgastadas. Assim, ele ocupa – ao lado de Rubens, da Vinci, Rembrandt, Goya e Watteau – um lugar de honra em “*Les Phares*”, o catálogo poético de heróis artísticos de Baudelaire: “Delacroix, lago de sangue assombrado por anjos maus / À sombra de um bosque de abetos sempre verdejantes / Onde, sob um céu triste, passam estranhas fanfarras / como um suspiro abafado de Weber” (KIMBAL, 1998).

Baudelaire termina o seu livro “Escritos sobre arte” com um dos mais belos ensaios que um poeta já dedicara a um artista visual, enviado ao redator de

*L'Opinion Nationale* o texto “A obra e a vida de Eugène Delacroix”. “O público é, em relação ao gênio, um relógio que atrasa” (1996), afirmava; demonstrava a sua admiração com a confiança de que estava diante de um verdadeiro representante da arte de sua época: “O que é justamente a marca principal do gênio de Delacroix é que ele não conhece a decadência; só mostra progresso” (1996).

#### 4. CONCLUSÕES

Não se sabe ainda se Nietzsche realmente viu as pinturas de Delacroix, Stéphane Michaud, aponta que “Nietzsche primeiro adotou a apreciação de Delacroix que se desenvolveu no romance *Manette Salomon*, dos Irmãos Goncourt” (2003), anotando-a para seu próprio relato da seguinte maneira: “Imagem da decadência deste tempo, do desperdício, da confusão, da literatura na pintura, da pintura na literatura, da prosa em versos, dos versos em prosa, das paixões, dos nervos, das fraquezas do nosso tempo, do tormento moderno” (2003). Ao que ele acrescenta: “Flashes do sublime em tudo isso”. E ainda: “Delacroix, uma espécie de Wagner”. Enfim, torturado, nervoso e doentio, sem sol. Olivier Birmann alerta que o filósofo detecta no fundo de tudo isto “é a procura de um ideal exótico e simbólico, com o único propósito de se libertar da sua realidade e, portanto, do autodesprezo e da presença de um ‘elemento pantanoso’” (2009). Mas a perspectiva – a avaliação – pode ser invertida em *Ecce Homo*, quando reconhece em Delacroix um “virtuoso” compreendido apenas pelo “inteligente” Charles Baudelaire.

Se, portanto, Baudelaire e Delacroix conservam a marca de certa catolicidade do ideal, de certo gosto pelos narcóticos, isto é, de uma depreciação de si mesmos e da vida, das outras forças e dos instintos – a sua capacidade de ir além do Céu e do Inferno, a sua capacidade de esquecer, a sua plasticidade – permitiram que as forças ativas da vida fossem libertadas na sua expressão. Daí o que o filósofo chama, a respeito das músicas de Wagner, do arrebatamento que elas nos fazem sentir. O termo conciso de Nietzsche “fanático da expressão” também é bastante preciso nos demonstra Dietrich Schuber: “Delacroix freqüentemente enfatizava os termos ‘vivacité’, ‘expression’ e ‘exagération’ como base de suas intenções artísticas, especialmente em seu diário de 1857, onde listou termos para o planejado *Dictionnaire des Beaux-Arts*” (1998). As palavras-chave de Delacroix “*surnaturel*” e “*le terrible*” (1857) também coincidem com as idéias de Nietzsche, como a mentalidade monstruosa ou pessimista trágica.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDELAIRE, C. **Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BAUDELAIRE, C. *L'oeuvre et La vie d'Eugène Delacroix*. Paris : FB Editions, 2014.
- BIRMANN, O. “*Baudelaire et l'éclat morne de Delacroix—ou des modèles d'agrément*”. In: 人文論究 5 9 -3, The society of humanities Kwansei Gakuin University, 2009, p. 45-62. Disponível em <<https://core.ac.uk/reader/143631680>>. Acesso em 05/01/2024.

- DELACROIX, E. *Journal - 1853 a 1856 Deuxième volume*. Paris: Librairie Plon, 1932.
- ESMANHOTTO, S. *Delacroix*. São Paulo: Abril, 2011.
- LÖWY, M. Goldmann e o estruturalismo genético. *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo: n. 125, p. 24-40, jan./abr. 2016.
- KIMBALL, R. *Delacroix reconsidered*. In: *The New Criterion*, Volume 17, Number 1, September 1998. Disponível em <<https://newcriterion.com/issues/98/9/delacroix-reconsidered>>. Acesso em 15/01/2024.
- MARTON, S. *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- MICHAUD, S. *Nietzsche et Baudelaire*. In: *Baudelaire une alchimie de la douleur, études sur les Fleurs du Mal*, textes réunis par Patrick Labarthe, Eurédit, 2003.
- MONTINARI, M. *Nietzsche em Cosmópolis*. Tradução: Ernani Chaves. <<http://www.nietzschesource.org/SN/montinari-2014d>>. Acesso em 15 de setembro 2024.
- MONTINARI, M. *Nietzsche et La décadence*. Disponível em: <<http://www.nietzschesource.org/SN/montinari-2014d>>. Acesso em 15 de setembro 2024.
- NIETZSCHE, F. *Ecce homo*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. *O Caso Wagner - Um problema para músicos*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- NIETZSCHE, F. *Humain trop humain*. Paris: Éditions Gallimard, 1968.
- NIETZSCHE, F. *Para além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- NIETZSCHE, F. *Fragmentos póstumos: (1882-1885) (Vol. III)*. Madrid: Editorial Tecnos, 2010.
- NIETZSCHE, F. *Fragmentos póstumos: (1885-1889) (Vol. IV)*. Madrid: Editorial Tecnos, 2008.
- PETRY, I. R. *Arte e décadence em Nietzsche: o caso Wagner e outros escritos*. 2015. 141p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia - Universidade de São Paulo.
- RUBIRA, L. E. *Do “valor” dos “valores” à fisiologia da arte: pressupostos para a compreensão de o caso wagner e de nietzsche contra Wagner*. © *Dissertatio* [38] 137 – 153. UFPel. 2013.
- SCHUBERT, D. *Nietzsches Blick auf Delacroix als Künstlertypus*. In: *Nietzscherforschung*, 4, 1998, S.227-242. Disponível em: <<https://www.deutsche-digitale-bibliothek.de/>>. Acesso em 15/01/2024.